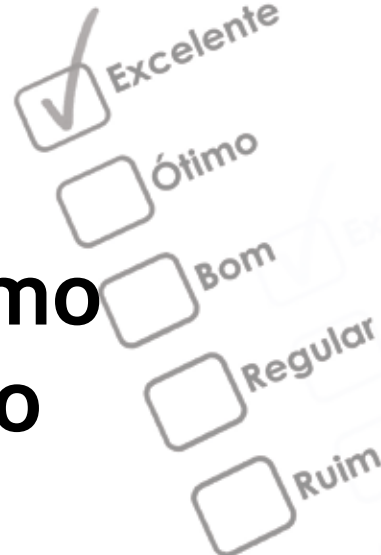


gestão



Milton Cabral\*

# Avaliação externa como instrumento de gestão

O conceito é relativamente novo na educação brasileira. A escola vem, há séculos, avaliando a aprendizagem de seus alunos através de provas elaboradas por seus próprios professores. Válidas como forma de avaliação permanente para verificar o cumprimento dos programas, constituem uma espécie de endogenia: um processo voltado para dentro, com os pais elogiando os próprios filhos, meio que o artista avaliando a sua arte.

A avaliação externa, tão pobremente feita no Brasil, foi introduzida há poucos anos e ainda se encontra num estágio muito incipiente. Temos algumas provas nacionais, tais como a do Enem, a Prova Brasil e outras em que a avaliação da aprendizagem é feita por amostras estatísticas e com pouca credibilidade. A sociedade brasileira ainda não se deu conta de que é pela avaliação externa que a cobrança é feita às escolas, o que favorece o seu aperfeiçoamento.

Não importa se a instituição é particular ou pública, todas devem ser avaliadas quanto ao resultado do seu trabalho: a aprendizagem. A escola e os professores existem para ensinar; os estudantes, para aprender. As famílias, diretamente, e a sociedade toda pagam pelos resultados que a escola tem de

apresentar. E como clientes ou cidadãos, devem cobrar os resultados do que compram ou recebem como serviço: a aprendizagem de seus filhos e jovens.

É muito simplória a ideia de que a solução da melhoria da educação se dá pela melhoria dos salários dos professores. Há pesquisas que mostram que um simples aumento de salários não faz com que os professores trabalhem ou ensinem melhor. É questionável também a avaliação feita no final dos cursos de Direito - provas da OAB - e outras semelhantes, que servem para desqualificar o Ensino Superior, o qual recebe péssimos alunos da Educação Básica e tem uma matéria-prima muito fraca. Os alunos são oriundos de um Ensino Médio que tem dois terços de desistências entre o ingresso e sua conclusão. O Ensino Superior brasileiro tem, hoje, um número de vagas muito superior ao de candidatos. Se eles são fracos porque chegam mal preparados, e há vagas sobrando, o Ensino Superior fica em situação muito difícil.

Simplória também é a resposta da maioria dos prefeitos dos cerca de cinco mil municípios brasileiros e dos governadores quando perguntados sobre como anda a educação em seus territórios. Mostram números, cifras, prédios refor-

mados ou construídos e investimentos em educação de acordo com a lei - 25% da arrecadação, sem a menor ideia do resultado que realmente importa, que é a aprendizagem.

A escola precisa ser dirigida para seus objetivos, e a sua gestão só será efetiva se conseguir resultados em termos de aprendizagem. A avaliação externa é que dará a medida do sucesso ou fracasso da gestão. O bom gestor educacional só será competente se conseguir envolver as famílias e motivar os professores - que são figuras centrais - no processo educacional. Tudo a partir de um planejamento estratégico com foco na aprendizagem.

Muitas vezes, uma ajuda externa poderá acelerar o aprendizado institucional e de cada profissional envolvido, bem como otimizar recursos e potencializar os resultados. Tudo isso é possível, basta disposição para começar e capacidade de inovar. ■

\*Diretor educacional da Fundação L'Hermitage e do Programa Gestão Escolar de Qualidade - modelo Fundación Chile

[www.lhermitage.org.br](http://www.lhermitage.org.br)  
[www.gestaoescolardequalidade.org.br](http://www.gestaoescolardequalidade.org.br)